



<https://doi.org/10.56344/2675-4827.v6n2a2025.1>

Hildegarda von Bingen e seu legado educacional para as ciências farmacêuticas

Hildegard von Bingen and her educational legacy for the pharmaceutical sciences

Tânia Regina Zimmermann¹, Márcia Maria de Medeiros², Luiza Regina Voigt³

Resumo: Dadas as ausências do feminino na história da ciência e da saúde, perscruta-se uma pesquisa acerca das contribuições para as ciências farmacêuticas realizadas por Hildegarda von Bingen (1098-1179). Objetiva-se visibilizar essa figura do século XI e XII em relação à sua atuação nos estudos terapêuticos e naturalistas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica interpretativa a partir da perspectiva das relações de gênero. Bingen descreveu várias plantas medicinais, em termos fitoterápicos e nutricionais. Também propôs métodos de cura através de várias plantas e a prática regular do jejum, entre outras orientações higiênico-dietéticas, as quais foram registradas em duas de suas obras: *Physica (Liber simplicis medicinae)* e *Causae et curae (Liber compositae medicinae)*.

Palavras-chave: Estudos terapêuticos, Ciência, Hildegarda von Bingen.

Abstract: Given the absence of the feminine in the history of science and health, research into the contributions to pharmaceutical sciences made by Hildegarda von Bingen (1098-1179) is examined. The aim is to make this 11th and 12th century figure visible in relation to his role in therapeutic and naturalistic studies. This is an interpretive bibliographical research from the perspective of gender relations. Bingen described several medicinal plants, in herbal and nutritional terms. He also proposed healing methods using various plants and the regular practice of fasting, among other hygienic-dietary guidelines, which were recorded in two of his works: *Physica (Liber simplicis Medicinae)* and *Causae et curae (Liber compositae Medicinae)*.

Keywords: Therapeutic studies , Science, Hildegarda von Bingen.

¹ Doutora em História Cultural pela UFSC e professora da graduação e pós-graduação em Educação e em Recursos Naturais na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Contato: taniazimmermann@gmail.com

² Doutora em Letras pela UEL e professora da graduação e pós-graduação em Recursos Naturais da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Contato: marciamaria@uem.br

³ Mestranda em Ciências Farmacêuticas na Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Embora historicamente as mulheres não tenham sido protagonistas na história da ciência, figuras como Hildegarda von Bingen demonstraram notável atuação nesse campo. A questão que a historiografia mais recente evoca é porque estas mulheres foram silenciadas e em qual contexto (Perrot, 2007). Federici (2023) responde a essa indagação quando afirma que o patriarcado⁴ ocidental moderno separou espaços, corpos e naturezas levando em consideração que havia uma dicotomia entre razão e sensibilidade, razão e natureza, produção e reprodução e, deste modo, gendrou-se a ciência, espaço cuja supremacia pertencia ao masculino. Nesse sentido, Schiebinger (2001) observa que a constituição da ciência moderna esteve marcada por gênero, excluindo ou invisibilizando os saberes femininos, como o de curandeiras, parteiras e místicas — e é justamente nesse lugar marginalizado que Hildegarda produziu seu legado.

O presente artigo se propõe a visibilizar a figura de Hildegarda von Bingen (1098-1179), por considerá-la, além de um nome da mística medieval (Le Goff, 2013), uma cientista que contribuiu para o campo das ciências farmacêuticas devido aos seus estudos terapêuticos e naturalistas, o que leva a questionar se ela estaria nos limiares do medievo e das invenções dicotômicas modernas.

Embora as estruturas de poder e as hierarquias masculinas tenham historicamente silenciado as contribuições das mulheres (Perrot, 2007), Hildegarda von Bingen deixou um legado duradouro por meio de escritos, partituras e obras como *Physica* e *Causae et curae*, nos quais registrou orientações higiênico-dietéticas e métodos fitoterápicos.

O fato de Hildegarda ter registrado suas ideias em contextos tradicionalmente reservados aos homens (Pedro, 2015) deveu-se à sua resistência à misoginia e ao ambiente de renovação cultural do Renascimento do século XII (Brooke, 1972). A obra de Hildegarda não foi dada a conhecer ao grande público até a metade do século XX, quando Wighard Strehlow e Gottfried Hertzka (2023) apresentam suas contribuições e experiências para o campo da história das ciências. Desse modo, estes vestígios

⁴ O patriarcado é aqui entendido como uma ordem política de submissão de mulheres em todos os âmbitos da vida.

são promissores para olhar para o passado e significar a obra biográfica (Zimmermann; Medeiros, 2004) produzida pelos pesquisadores alemães em relação a von Bingen.

O presente artigo analisa de modo especial as relações de gênero naquele contexto, pois Hildegarda confrontava as hierarquias e os mandatos eclesiais masculinos. Neste sentido, usar-se-á do conceito de gênero na perspectiva de Scott (2024), ou seja, uma categoria de análise histórica para entender as desigualdades entre mulheres e homens e como as exclusões das primeiras foram sendo configuradas na história.

Em relação a organização deste texto, o mesmo divide-se em duas seções, a saber: a primeira contextualiza a personagem em seu tempo, a partir da historiografia clássica como Jaques Le Goff (2006) e Marc Bloch (2016) e de pesquisas recentes de Martins (2022) e Fachin (2022). Na segunda, se faz uma incursão às suas contribuições para as ciências farmacêuticas reportando as obras *Physica* (*Liber simplicis medicinae*) e *Causae et curae* (*Liber compositae medicinae*) compêndios dedicados à saúde e de que modo contribuíram para a ciência moderna, especialmente para o campo da farmácia.

Este artigo adota uma perspectiva de análise qualitativa, sendo que a seleção dos materiais que articularam a sua construção se fundamenta na relevância histórica e na representatividade dos saberes construídos por Hildegarda von Bingen a partir de textos como *Physica* e *Causa et Cura*, quanto estudos acadêmicos que abordam o contexto social, religioso e científico do período. A interpretação dos dados integra a análise histórica com os debates contemporâneos sobre gênero e saúde, permitindo a identificação de convergências entre os saberes propostos pela mística medieval e as práticas modernas.

DISCUSSÃO: HILDEGARDA NO CONTEXTO HISTÓRICO

O universo da Idade Média é predominantemente masculino pela própria natureza daquele tempo, conforme anuncia Georges Duby (2011). Em sua obra Idade Média: Idade dos Homens, o autor analisa a sociedade medieval tendo como apporte as relações de gênero. Ele mostra como o medievo europeu ocidental constrói uma

ideia de masculinidade e enfatiza o papel ocupado pelos homens na organização social da época.

A leitura do texto de Duby indica que a Idade Média foi um período marcado por uma rígida estrutura patriarcal, na qual os homens exerciam o poder e controlavam diferentes esferas como a política, a religião e a família. Duby (2011) destaca que a identidade masculina era construída a partir das normas que os homens ditavam e essas normas influenciavam o comportamento esperado e as expectativas sobre todos os corpos que viviam nesse universo, fossem eles masculinos ou femininos.

Por conta deste cenário é que a figura de Hildegarda von Bingen se destaca. Seu nascimento é registrado no ano de 1098 em uma família da alta nobreza e, de acordo com Jacques Le Goff (2011) ela faleceu em torno de 1179. O mesmo autor indica que havia uma relação entre seus familiares e a igreja já que os mesmos estavam a serviço do bispo de Spira (Le Goff, 2011).

Aos 8 anos de idade, Hildegarda foi entregue ao mosteiro beneditino de Disibodenberg como oblata. É importante salientar que essa prática era comum entre a nobreza do período, sendo comum os pais oferecerem seus filhos e filhas aos mosteiros, onde seriam educados e preparados para a vida monástica (Costa, 2002). Em Disibodenberg, a menina recebeu uma educação que incluía leitura de textos religiosos e clássicos.

Sabe-se que Hildegarda von Bingen sucedeu a abadessa do mosteiro que a acolheu por volta de 1136 e em 1150, fundou seu próprio mosteiro em Rupertsberg (Le Goff, 2011). Aqui cabe uma indicação interessante sobre a forma como a religiosa deu início a publicização das suas ideias e pensamentos de natureza mística e filosófica:

Em 1141, Hildegarda teria recebido de Deus a ordem de publicar suas visões; obteve autorização para fazê-lo em 1147-1148 do abade cisterciense Bernardo de Claraval e do papa Eugênio III. Entretanto, as narrativas e as imagens de visões ocupam em sua obra um lugar maior, mas não exclusivo: em torno de 1150, ela termina o *Liber Scivias* (Saiba as Vias), em que descreve grandes visões cosmológicas inspiradas no Apocalipse de João, acompanhadas por um comentário teológico que lhe teria sido ditado pela voz do próprio Deus, e ilustradas desde o manuscrito original (Le Goff, 2011, p. 165).

A citação acima merece reflexão em dois pontos. O primeiro deles diz respeito ao fato de que, mesmo Hildegarda tendo domínio das questões teológicas uma vez que a vida de oblatura desde a mais tenra infância lhe granjeou este conhecimento, esse processo não era suficiente para que ela tornasse públicas as suas reflexões sem a autorização masculina. Independente inclusive de já ser uma abadessa neste momento, o que lhe permitia um espaço de poder em relação ao lugar ocupado por outras mulheres. Dito de outra forma, sua palavra precisava ser custodiada pelo masculino (Casagrande, 1990).

O segundo ponto indica como ela alcançou espaços através dos interstícios, das fissuras existentes no seu tempo que lhe permitiram alcançar um espaço de resistência, ou seja usou de uma estratégia na relação poder-saber confrontando diretamente os saberes patriarcais masculinos e, desse modo, desestabilizou as relações de poder dominantes (Foucault, 2021). Essa estratégia foi usada quando afirmou que os comentários teológicos de seu livro haviam sido ditados a ela pelo próprio Deus. É possível que a partir dessa ruptura estratégica, Hildegarda tenha encontrado um caminho para deixar outras contribuições em diferentes áreas como a teologia, música, incluindo a medicina e as ciências farmacêuticas. Sua cosmologia e abordagem holística da saúde, que integrava corpo, mente e espírito, influenciou significativamente a fitoterapia e a medicina natural.

Daston e Park (1998) adensam a análise desse contexto ao mostrar como o imaginário medieval eivado de maravilhas e ordens da natureza estava profundamente conectado a experiências visionárias e místicas, e isso situa a produção de Hildegarda dentro de uma tradição que unia teologia, natureza e espiritualidades.

Von Bingen pode ser compreendida como uma proto-feminista. A partir de suas ideias e práticas, já questionava as estruturas patriarcais, desafiando as normas de gênero. Uma prova disso é a defesa que ela fazia da tese de que as mulheres tinham uma conexão especial com o divino e uma inteligência espiritual significativa, contrariando a visão dominante da inferioridade feminina (Marstrand-Jorgensen, 2020).

Hildegarda apresenta ideias mais avançadas em relação ao universo do feminino do que o seu tempo preconizava. Ela acreditava no prazer sexual das

mulheres como parte de um processo para a cura de inúmeras enfermidades, bem como negava a traição de Eva e consequentemente a culpabilização das mulheres no processo do pecado original. Para Hildegarda, homens e mulheres eram sujeitos em conexão e, ao abordar a sexualidade e suas disfunções na obra *Causae et curae* (*Liber compositae medicinae*, a associou à noção de equilíbrio e saúde. Ela entendia que o prazer feminino era necessário e não apenas algo ocasional com fins meramente reprodutivos (Strehlow; Hertzka, 2023).

Cabe aqui ressaltar a importância que os mosteiros possuíam nesse momento histórico enquanto centros de aprendizado, vivência da espiritualidade e cuidados médicos (Fachin, 2022). A medicina monástica se destacava neste momento, pelo uso que fazia das plantas medicinais cultivadas em seus jardins. Não era raro que, nestes espaços (incluindo Rupertsberg), aqueles e aquelas que viviam a vida ascética aplicassem seus conhecimentos botânicos no tratamento de diversas enfermidades. Tais práticas contribuíram para o desenvolvimento da fitoterapia e para a preservação do saber medicinal da época (Santos, 2012). Isso corrobora com a assertiva de Crombie (2003), ou seja, a medicina e as ciências naturais medievais se construíram no entrelaçamento entre práticas religiosas, cosmologias simbólicas e observações empíricas, algo que se manifesta fortemente nos escritos de Hildegarda.

Hildegarda faz parte deste contexto e desenvolveu trabalhos no campo da fitoterapia, a exemplo dos já citados *Physica* (*Liber simplicis medicinae*) e *Causae et curae* (*Liber compositae medicinae*) em que descreve as propriedades terapêuticas de plantas, minerais e alimentos (Martins, 2022).

Hildegarda é considerada uma das maiores místicas cristãs. O misticismo era uma corrente espiritual que enfatizava a experiência direta e pessoal com o divino, muitas vezes por meio de visões, orações e práticas contemplativas (Fachin, 2022). Suas visões místicas foram registradas em obras como *Scivias*. Como compositora produziu peças musicais litúrgicas inovadoras e expressivas.

Na teologia contribuiu com debates teológicos, muitas vezes, desafiando autoridades eclesiásticas masculinas daquele período. A partir de uma cosmologia, integrando o ser humano, a natureza e o Divino, propôs a superação do binômio corpo-alma da Igreja Católica presente desde Santo Agostinho, criando uma frente de oposição a interpretações mais dogmáticas e conservadoras do pensamento religioso

da Igreja Católica. Outrossim, Hildegarda também se tornou conselheira espiritual de alguns nobres, bispos e até de papas, escrevendo cartas sobre questões políticas e religiosas (Fachin, 2022).

Apesar de viver em uma sociedade patriarcal, Hildegarda destacou-se como uma voz poderosa, criticando a corrupção da Igreja e defendendo o papel das mulheres na espiritualidade. Ela faleceu em 17 de setembro de 1179, no convento de Rupertsberg, aos 81 anos. Hildegarda foi canonizada em 2012 e proclamada Doutora da Igreja pelo Papa Bento XVI, um título concedido a poucas e poucos teólogos de destaque:

Em 10 de maio de 2012, o Papa Bento XVI completou o processo de canonização de Hildegarda, iniciado no século XIII, mas abandonado nesse mesmo século. Em seguida, em 7 de outubro de 2012, o mesmo Papa elevou-a à condição de trigésima sexta Doutora da Igreja Católica Romana, consagrando-a como a quarta mulher a receber esse título, ao lado de Catarina de Siena, Teresa de Ávila e Teresa de Lisieux (Martins, 2022, p. 27).

O túmulo de Hildegarda tornou-se centro de peregrinações de fiéis que a consideravam uma santa católica. O legado dela continua vivo, sendo estudado por suas contribuições nas áreas da teologia, medicina, música e misticismo. Von Bingen é, portanto, um símbolo da confluência entre a espiritualidade, ciência e cultura da Europa medieval.

Ela desenvolveu uma visão holística da saúde, ao integrar o físico, o mental e o espiritual, influenciando práticas de fitoterapia e dietoterapia. Seu legado continua sendo objeto de estudos de grupos dedicados a pesquisa em medicina natural e espiritualidade em diversos países como França, Bélgica, Espanha, Argentina e Alemanha (Henning, 1999).

A compreensão do contexto histórico de Hildegarda von Bingen, marcado pela rigidez das estruturas patriarcais e pela exclusão dos saberes femininos, permite apreciar como as oportunidades que foram oferecidas a ela pelo ambiente monástico estimularam uma abordagem inovadora do conhecimento. Nesse cenário, sua visão holística se manifesta tanto na esfera mística quanto na prática médica e na fitoterapia. Seus escritos evidenciam a integração dos saberes empíricos, teológicos e naturais, antecipando princípios que ressoam com as modernas abordagens integrativas da saúde.

RESULTADOS: HILDEGARDA, A CIENTISTA NATURALISTA

Ao revisitá-los os escritos de e sobre Hildegarda, percebe-se que sua visão holística de corpos e de saúde se vale de uma visão expansiva e de continuidade com todos os outros organismos vivos da Terra bem como alia questões espirituais no sentido de correlacionar o bem-estar físico a espiritualidade, antecipando em séculos as ideias de Cecily Saunders sobre a dor total (Menezes e Medeiros, 2020).

É possível afirmar que Von Bingen desenvolveu uma visão holística da saúde, ao integrar corpo mente e espírito. Ela considerava que a doença era resultado de uma desarmonia entre o ser humano, a natureza e o universo divino. Tanto em *Physica (Liber simplicis medicinae)* quanto em *Causae et curae (Liber compositae medicinae)*, Hildegarda enfatiza que a saúde é alcançada através da manutenção do equilíbrio entre esses elementos. Para que o equilíbrio fosse restabelecido, a mística recomendava métodos de cura natural que incluíam o uso de plantas medicinais, práticas de jejum e orientações higiênico-dietéticas que considerava capazes de restaurar a energia vital do indivíduo diante da enfermidade (Nogueira, 2018).

Em sua obra destaca-se o conceito de *viriditas*, ou força vital, que representa o frescor e a vitalidade presentes tanto na natureza quanto no ser humano. Se a pessoa se afasta da natureza ou apresenta comportamentos inadequados, esse processo poderia levar ao surgimento de doenças. Logo, a restauração da saúde envolvia a reconexão com a natureza, a prática das virtudes e a busca por uma vida equilibrada (Estevam, 2020; Nogueira, 2018).

Hildegarda von Bingen destacava a importância da espiritualidade na manutenção da saúde, entendendo corpo e alma como elementos interdependentes. Desta maneira, desequilíbrios de natureza espiritual poderiam assumir a forma de enfermidades físicas. Assim, o processo de cura de uma enfermidade exigia uma abordagem que contemplasse tanto o bem-estar físico quanto o espiritual, promovendo uma vida harmônica (Martins, 2019). Para que se tenha uma ideia do alcance da sua proposta é pertinente anunciar dois modelos contemporâneos que se entrelaçam aos seus princípios, a saber a ideia de campo de saúde desenvolvida por Marc Lalonde (1974) e o princípio da integralidade do Sistema Único de Saúde (SUS) (Brasil, 1988).

Observe-se que Von Bingen concebia a saúde como resultado da harmonia entre o ser humano, a natureza e o divino, integrando elementos físicos e naturais (uso de ervas medicinais e princípios dietéticos); elementos espirituais (práticas religiosas, virtudes e conexão com o divino); e elementos emocionais e psicológicos (influência das paixões e sentimentos na saúde). A doença surge quando o equilíbrio entre esses elementos é rompido, o que aproxima das visões contemporâneas que buscam abordagens multidimensionais da saúde (Martins, 2019).

Marc Lalonde (1974) propôs que a saúde não depende apenas da medicina curativa mas sim de quatro grandes determinantes, a saber: biologia humana (características genéticas e fisiológicas); estilo de vida (hábitos e comportamentos que influenciam a saúde); ambiente (fatores sociais, econômicos e ecológicos que impactam na saúde); e sistema de saúde (entendido aqui como o acesso e a qualidade dos serviços prestados neste âmbito).

A correlação entre a proposta de Lalonde e a ideia de Hildegarda se faz presente pelo fato de que ambos veem a saúde como um resultado de múltiplos fatores. A ideia de que estilo de vida, ambiente e espiritualidade influenciam a saúde já estava presente na obra de Von Bingen, mesmo que esta tenha sido formulada no contexto do medievo e fortemente influenciada por fatores teológicos.

Um olhar mais atento ao princípio da integralidade do SUS indica que o mesmo se propõe a atender a pessoa em sua totalidade não apenas tratando a doença, mas promovendo a saúde. Para isso torna-se necessário levar em conta os diferentes determinantes sociais da saúde e articular elementos de prevenção, promoção e assistência à saúde. No que se refere a proposta de Hildegarda Von Bingen, vale ressaltar que a mesma não separa corpo, mente e ambiente em um princípio que opera com certo grau de complexidade, da mesma forma que o conceito de integralidade aponta.

Henning (1999) indica que os conhecimentos fármacos e médicos de von Bingen eram fruto do seu autodidatismo e muitas vezes não coincidem o consenso médico-científico de seu tempo, assim como as interpretações simbólicas da doença e da saúde, pelas quais Hildegarda, como outros de seus contemporâneos, entendia os humanos como um reflexo microcósmico do macrocosmo de modo integrativo.

Le Goff indica que “[...] o saber médico enciclopédico e médico de Hildegarda a fez redigir um vasto *Liber subtitulatum dieversarum naturatum creaturarum* (*Livros das sutilezas das criaturas divinas*), transmitido à posteridade sob a forma de duas obras: a *Physica* e o *Causa et cura* (As causas e os remédios) (Le Goff, 2013, p. 168, grifos no original). É possível que o fato de pertencer a ordem beneditina, que priorizava os conhecimentos e a cura de doentes, tenha permitido que von Bingen tivesse acesso aos saberes hipocráticos e de Galeno, principalmente no que se refere a teoria dos humores e dos fluídos corporais.

Martins não descarta o fato de que ela tivesse a sua disposição traduções sobre práticas de cura de origem árabe e persa, bem como de princípios da medicina chinesa, já que a Ordem Beneditina se tornou responsável pela salvaguarda do conhecimento intelectual através dos seus monges copistas. Sobre o assunto a autora informa que:

No final do século VI d.C., a mais antiga ordem religiosa católica de clausura monástica, a Ordem de São Bento, promoveu a produção e a difusão de conhecimento intelectual pela cópia e tradução de livros – principalmente gregos – para o latim, estimulando a prática da medicina fitoterápica. Nesse século, a obra *De materia medica* (Da matéria médica), de Dioscórides (40-90), médico, farmacêutico e botânico grego, que descrevia mais de seiscentas plantas, tinha sido traduzida para o latim (Martins, 2022, p. 27, grifo no original).

Como naturalista, na obra *Physica*, von Bingen descreveu mais de duzentas plantas medicinais e nutritivas. Além de descrever aves, animais e rios da Alemanha, fez um estudo sobre o uso de metais em conjunto com as plantas para fins terapêuticos. Vale salientar que Martins indica que os apontamentos de Hildegarda nesse livro são correlatos a práticas de saúde contemporâneas:

Na atualidade, a medicina ortomolecular emprega minúsculas quantidades de metais, na forma de sais minerais, para o restabelecimento da saúde e a prevenção de diversas doenças. A medicina holística, por sua vez, faz uso de pedras, ervas, flores, óleos essenciais etc., buscando extrair a energia desses elementos, com fins terapêuticos (Martins, 2022, p. 29).

Martins (2022) indica sobre a complexidade da proposta de saúde construída por pela abadessa beneditina. Ela se dizia inspirada diretamente pelo Criador no que se refere a esse ponto, recomendando o uso do funcho; espelta, vegetal da família do trigo; castanhas, marmelo; amêndoas e especiarias (canela, noz moscada, tomilho e cravo da índia), os quais deveriam ser consumidos com regularidade como garantia

de boa saúde. Sua abordagem indica que ela entendia que os remédios deveriam ser concebidos a partir de uma totalidade harmoniosa de elementos terapêuticos (Estevam, 2020; Nogueira, 2018). De acordo com Martins:

A abadessa nos surpreende por ter sido a primeira pessoa a citar certas plantas e seus empregos. No Livro de Plantas, encontramos a referência pioneira do cravo-da-índia (*cariofiles*) como especiaria (DONKIN, 2003), primeiramente citado no capítulo XXI (*Nux Muscata*, “noz-moscada” e, um pouco adiante, apresentado como título de capítulo XXVII (*cariofales*). Foi também Santa Hildegarda a primeira pessoa a distinguir claramente entre duas espécies de lavanda: a lavanda verae a lavanda spica. A maior parte das lavandas comercializadas e cultivadas nos dias de hoje pertence às espécies *stoechase spica* (Martins, 2022, p. 32, grifos no original).

Martins (2022) indica ainda que Hildegarda von Bingen já apresentou em sua obra algumas questões inerentes ao que atualmente se correlaciona com os valores nutritivos dos vegetais e suas propriedade farmacológicas. Nesse sentido, seu livro já fala sobre as propriedades medicinais do funcho (importante para combater doenças nos olhos) e da sálvia (utilizada para dores no estômago). Da mesma forma, sua obra retrata que o poejo seria recomendado para combater febre, males do estômago, pulmões e olhos.

Hildegarda recomendava o jejum como prática revitalizante e desintoxicante, sugerindo sua realização por duas a três semanas. Segundo seus escritos, a dieta consistia em sopa de espelta com legumes temperados com tomilho, camomila e galanga no almoço, acompanhada por chás e sucos de frutas pela manhã e à noite. Ela também advertia que o excesso alimentar podia intoxicar o organismo e gerar tristeza (Estevam, 2020). Cada alimento era mais ou menos aconselhado segundo o estado de saúde, classificados em quente, frio, seco ou úmido, e ainda, se bom para todos, só para sadios, só para os doentes ou nem para sadios nem para doentes, sempre atribuindo o resultado da intervenção terapêutica à vontade divina.

Hildegarda von Bingen produziu uma vasta obra que articula pelo menos dois campos do saber: a teologia visionária (espaço em que ela articulava sua visão mística sobre a religião e a religiosidade); e a ciência médica e natural (dado o aspecto farmacológico, dietético e fitoterápico dos seus escritos). Seu trabalho é respeitado no universo contemporâneo, sobretudo entre pessoas adeptas às questões de espiritualidade e de medicina alternativa, e sua notoriedade intelectual contrasta com

as reticências e a obscuridade que silenciou muitas mulheres durante o período medieval.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hildegarda viveu num contexto do Sacro Império Romano-Germânico nos séculos XI e XII, o qual foi marcado por transições com avanços no comércio, na produção no campo, nas ciências e na urbanização, mas ainda fortemente enraizado em práticas feudais e agrárias. Ela participou ativamente desse contexto, utilizando os recursos de sua comunidade monástica para produzir conhecimento em áreas da saúde, incluso a ciência farmacêutica e a medicina numa perspectiva holística cuja espiritualidade era parte importante na cura e saúde. Seu legado reflete um contínuo de resistência e inovação que transcende os limites temporais, reafirmando a importância de revisitar e revalorizar a contribuição feminina na construção do saber.

Muito do conhecimento adquirido por Hildegarda de Bingen deve-se ao fato de ela ter sido uma continuadora da tradição de sua ordem religiosa. Porém, sua própria observação e experimentação contribuíram para a formação de seu saber fármaco-botânico. Nota-se que seu trabalho intelectual usa da criatividade para falar sobre a discriminação das mulheres de sua época, incluso o uso da sexualidade e dos prazeres de modo equilibrado e sob a inspiração divina. Também sob interpretações bíblicas se opôs a opressão masculina nos mosteiros.

Com uma vasta produção desde a mística até medicina, não se sabe como adquiriu esse conhecimento. Sua atividade como fármaco e médica foi toda informal e provavelmente autodidata. O estudo e a prática da medicina eram vedados às mulheres, mas nessa ordem religiosa aberta a conhecimentos fármacos recebeu uma base terapêutica prática durante seu noviciado. Diante do recente estudo de suas obras, a ciência com base numa visão holística não refuta seus saberes e tem incorporado suas práticas.

Essa perspectiva integradora de Hildegarda oferece uma compreensão profunda da saúde, que vai além da visão fragmentada adotada por algumas abordagens modernas. Sua ênfase na conexão entre o ser humano, a natureza e o divino continuam a inspirar práticas de medicina holística e integrativa atualmente.

A análise das obras de Hildegarda von Bingen, contudo, demanda ser inserida em um debate mais amplo da historiografia das ciências. Como já apontaram os aportes de Shapin (2000) e Shapin e Schaffer (1985) e de Peter Dear (2001) o giro cultural da história das ciências deslocou a ênfase de “precursoras modernas” para a análise das condições sociais, políticas, culturais e institucionais que possibilitaram a emergência de figuras como Hildegarda em sua época, pois o período medieval não operava uma separação rígida entre o maravilhoso, o natural e o espiritual, mas articulava esses elementos numa cosmologia integrada. Essa perspectiva permite compreender as práticas de Hildegarda não como uma antecipação anacrônica de princípios contemporâneos, mas como expressão coerente de sua cultura intelectual. Do mesmo modo, os estudos de Londa Schiebinger (1993; 2001) oferecem instrumentos teóricos para situar a produção de Hildegarda na longa tradição de mulheres curadoras e pensadoras cuja atuação foi invisibilizada pelo patriarcado, mas que contribuíram de forma decisiva para a construção do conhecimento médico e científico. Assim, ao articular essas diferentes correntes historiográficas, é possível não apenas valorizar a singularidade de Hildegarda, mas também reposicionar seu legado no cruzamento entre gênero, espiritualidade e história das ciências.

Em relação a originalidade científica da obra de Hildegarda von Bingen, percebe-se que ela ultrapassa a dimensão histórica e mística na sua atuação. Outras obras têm se debruçado sobre sua espiritualidade e teologia, mas este estudo evidencia a originalidade de sua contribuição para o campo farmacêutico, ao sistematizar saberes terapêuticos baseados na observação empírica e na integração entre corpo, mente e natureza. Suas descrições de plantas, minerais e alimentos e seus usos no cotidiano antecipam princípios da farmacognosia e da nutrição funcional, demonstrando uma epistemologia pouco reconhecida em estudos anteriores.

Assim, Hildegarda ao desenvolver práticas medicinais terapêuticas, também formulou uma visão inovadora de saúde centradas no equilíbrio entre mente e corpo, práticas que se aproximam de abordagens holísticas e integrativas no hodierno. Seu legado distingue-se pela capacidade de articular fé e ciência, tornando a experiência mística em fundamento experimental para a cura e a prevenção de doenças. Ao revelar essa dimensão farmacêutica original para o contexto que vivia, o presente estudo amplia o entendimento da atuação de mulheres na gênese das ciências da

saúde e significa Hildegarda von Bingen como uma das vozes precursoras da medicina natural moderna.

Em síntese, a análise da trajetória e das obras de Hildegarda von Bingen evidencia que ela possuía uma capacidade de integrar saberes místicos e de natureza teológica com conhecimentos empíricos, antecipando nesse enlace, práticas da medicina integrativa contemporânea. Ao romper limites impostos pelo patriarcado, ela não só desafiou as normas do seu tempo, como também abriu novos caminhos para a compreensão holística da saúde, articulando corpo, mente e espírito em um sistema de conhecimento interligado.

O presente estudo reforça a necessidade de revisitar e reinterpretar os saberes medievais, não apenas para reconhecer a relevância histórica das contribuições das mulheres no campo da história das ciências, em particular aqui a área da saúde; mas para inspirar abordagens inovadoras nesta mesma área. Vale ressaltar que esta pesquisa mostra que existe uma intersecção entre misticismo, terapêutica natural e as práticas contemporâneas de cuidado integral, o que amplia o debate sobre o papel das mulheres na construção do conhecimento neste âmbito.

Conflitos de Interesses: Os autores não têm conflitos de interesse a divulgar.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. São Paulo: Edipro, 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 12 fev 2025.

BROOKE, Christopher. **O renascimento do século XII**. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

DEAR, Peter. **Revolutionizing the Sciences**: European Knowledge and Its Ambitions, 1500–1700. Princeton: Princeton University Press, 2001.

CASAGRANDE, Carla. A mulher sob custódia. PERROT, Michelle; DUBY, Georges (orgs). **História das mulheres no ocidente**: Idade Média, vol. 2, Lisboa: Edições Afrontamento, p. 99-141, 1999.

DA COSTA, Ricardo. A educação infantil na idade média. **Revista Videtur**, n. 17, p. 13-20, 2002. Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/artigo/educacao-infantil-na-idade-media>. Acesso em: 6 fev. 2025.

DUBY, Georges. **Idade Média: idade dos homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ESTEVAM, Maria Terezinha Estevam. **Um estudo sobre o Physica, de Hildegarda de Bingen: as virtudes curativas de algumas plantas**. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em História da Ciencia, PUC, 2020.

FACHIN, Patricia. **Hildegarda von Bingen**. In:<https://ihu.unisinos.br/publicacoes/78-noticias/622138-hildegard-von-bingen-autentica-mestra-de-teologia-e-profunda-estudiosa-das-ciencias-naturais-e-da-musica>, 2022. Acesso em janeiro de 2025.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

HENNING, Aloys von. **Hildegard von Bingen (1098–1179)**: Vorträge zum900. Tagungs-, Projekt- und Seminarberichte Berliner Osteuropa Info p.44-45, 2019. In: Berlinhttps://www.oei.fu-berlin.de/media/publikationen/boi/boi_12/19_henning.pdf

LALONDE, Marc. **A new perspective on the health of Canadians: a working document**. Ottawa: Government of Canada, 1974. Disponível em: <https://www.phac-aspc.gc.ca/ph-sp/pdf/perspect-eng.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2025

LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**: conversas com Jean-Maurice de Montremy. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE GOFF, Jacques (org). **Homens e mulheres da Idade Média**. 2 ed, São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

MARSTRAND-JØRGENSEN, Anne Lise. Hildegarda de Bingen: mística feminista. **National Geographic História**, 2020. Disponível em: https://historia.nationalgeographic.com.es/a/hildegarda-bingen-mistica-feminista_20419. Acesso em: 6 fev. 2025.

MARTINS, Maria Cristina da Silva. Hildegarda de Bingen: Physica e Causae et Curiae. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre, Número Especial, p. 164-177, 2019. IN: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/204475/001107920.pdf?sequence=1>. Acesso em janeiro de 2025.

MARTINS, Maria Cristina da Silva. O Livro de Plantas de Hildegarda de Bingen. **RÓNAI Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**. Vol. 10, n. 1, p. 26-49, 2022.

MENEZES, Alina Nunes; MEDEIROS, Márcia Maria de. **Dicionário Crítico de Tanatologia**. Dourados: Editora da UEMS, 2020.

NOGUEIRA, Clarissa Waldige Mendes Nogueira. A redescoberta da medicina natural de Hildegarda de Bingen, doutora da Igreja no século XII. **Boletim da FCM.** UNICAMP, v. 12, n. 1, out. 2018. Disponível em https://www.fcm.unicamp.br/boletimfcm/mais_historia/redescoberta-da-medicina-natural-de-hildegarda-de-bingen-doutora-da-igreja-do-seculo#:~:text=Consistia%20basicamente%20de%20uma%20sopa,em%20in%C3%BAmeras%20comunica%C3%A7%C3%B5es%20cient%C3%ADficas%20atuais. Acesso 12 fev. 2025.

PEDRO, Joana Maria. Condição Feminina. COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero.** Dourados, MS: Editora da UFGD, p. 123-126, 2015.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, Dulce Oliveira Amarante dos. Aproximações à medicina monástica em Portugal na Idade Média. **História.** São Paulo, v. 31, n. 1., p. 47-64, jan. 2012.

SHAPIN, Steven. **A revolução científica.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SHAPIN, Steven; SCHAFFER, Simon. **Leviathan and the Air-Pump:** Hobbes, Boyle, and the Experimental Life. Princeton: Princeton University Press, 1985.

SCHIEBINGER, Londa. **Nature's Body:** Gender in the Making of Modern Science. Boston: Beacon Press, 1993.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

SCOTT, Joan W. **A fantasia da história feminista.** Tradução Elisa Nazarian. 1. ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2024.

STREHLOW, Wighard; HERTZKA, Gottfried. **A Medicina de Santa Hildegarda.** 1. ed. São Paulo: Calvariae Editorial, 2023.

ZIMMERMANN, Tânia Regina; MEDEIROS, Márcia Maria de. Biografia e Gênero:repensando o feminino. **Revista de História Regional,** v. 9, n. 1, p. 31-44, 2004.